

## O PROFETA HABACUQUE E A HERMENÊUTICA CONTEXTUAL The Habakkuk prophet and the contextual hermeneutics

Dr. William L. Lane<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo desse artigo é ler o pequeno profeta de Habacuque como guia ou exemplo de interpretação da história. O objetivo não é aplicar propriamente a hermenêutica contextual à leitura de Habacuque. Mas é observar como o profeta é em essência um hermeneuta contextual. Pode-se verificar que o profeta em grande parte exerce um papel muito semelhante e pode servir de inspiração e referência para uma prática de interpretação da história e da realidade contextual.

**Palavras-chave:** Profecia. Hermenêutica contextual. Habacuque. Exegese.

### ABSTRACT

The aim of this article is to read the brief book of the prophet Habakkuk as a guide or example of an interpretation of history. The objective is not to apply properly the contextual hermeneutics to the interpretation of Habakkuk, but, rather, to notice how the prophet is essentially a contextual interpreter. It is noted that the prophet is mostly acting as an interpreter of history and reality in a contextual manner, and he can serve as inspiration and reference to this way of interpreting.

**Keywords:** Prophecy. Contextual Hermeneutics. Habakkuk. Exegesis.

### INTRODUÇÃO

Uma importante parte da história da exegese na América Latina, particularmente por meio da reflexão fomentada pela Fraternidade Teológica Latino Americana (FTL), foi seu interesse e preocupação com uma reflexão bíblica do evangelho no contexto da América Latina.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia, EST. Professor da Faculdade Teológica Sul Americana.  
Email: blane@ftsa.edu.br.

Ao contrário do que alguns querem sugerir, o movimento da Missão Integral (MI) ou Teologia da Missão Integral (TMI) foi muito mais teológico, hermenêutico e bíblico do que sociológico e político. A reflexão teológica que resultou desses interesses partiu da aceitação do caráter normativo da Bíblia como Palavra de Deus e buscou-se diálogo com aqueles que “confessam a Jesus Cristo como Salvador e Senhor”.<sup>2</sup> O foco inicial da reflexão teológica, então, era o estudo e compreensão do texto bíblico, isto é, da mensagem evangélica de Jesus Cristo para o contexto atual. E sua ênfase na contextualização da mensagem à realidade contemporânea faz surgir a discussão hermenêutica que, como bem colocada por Juan Stam, consiste na tarefa, de um lado, “de entender a mensagem bíblica dentro da maior fidelidade ao contexto histórico original” e, de outro, “de entender a fundo nosso próprio contexto em todas as suas dimensões e de captar a relação dinâmica entre a mensagem bíblica e a Palavra de Deus para nossa situação contemporânea” (1984, p. 92).

Essa preocupação se explica primordialmente porque os fundadores e precursores da FTL eram teólogos e biblistas. René Padilla é doutor em Novo Testamento orientado por F. F. Bruce. Orlando E. Costas revela bem o sentimento seu diante dos desafios teológicos das décadas de 1960 e 1970 e em relação ao referencial marxista tão influente nas escolas teológicas da época, diz

Se é verdade que nos sentíamos atraídos a usar a metodologia marxista no labor teológico, é verdade também que não estávamos dispostos a dar à teoria marxista do conhecimento um lugar mais privilegiado do que a Bíblia na prática cristã ou na reflexão sobre ela. Insistíamos no papel normativo da Bíblia.<sup>3</sup>

Samuel Escobar conta como diante das correntes marxistas e existencialistas de sua juventude foi com John Mackay que ele pôde entender o “profundo sentido da história humana que a visão bíblica revela e que os materialismos simplificadores não conseguem igualar”.<sup>4</sup> Para ele foi justamente a reflexão bíblica que trouxe respostas aos desafios da visão marxista. Posteriormente, no final da década de 1950, através da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (CIEE), pôde conhecer René Padilla e Pedro Arana, com quem desenvolveu estreita amizade e caminhada teológica. Em meados da década de 1960, tanto René Padilla quanto Pedro Arana passam um período de estudos no Reino Unido. Segundo Escobar, o retorno deles trouxe a ele e aos demais companheiros de ministério com estudantes,

uma renovada consciência da autoridade da Palavra de Deus como ingrediente fundamental de todo o ministério evangélico e de toda reflexão teológica [...] Ambos contribuíram para me dar um marco bíblico mais preciso sobre a contínua reflexão sobre a história”.<sup>5</sup>

Semelhantemente, Emilio Núñez, diante dos desafios da contextualização, depara-se com o desejo de “recuperar alguns elementos bíblicos que são indispensável para dar equilíbrio e sólido fundamento a uma teologia evangélica latino-americana.”<sup>6</sup> Assim, ele busca resgatar o

<sup>2</sup> Disponível em <http://ftl.org.br/new/index.php/a-ftl-brasil/estatuto-da-ftl-b>. Acessado em 10 mar 2017.

<sup>3</sup> COSTAS, Orlando E. Teólogo en la encrucijada. In: *Hacia una teología evangélica latinoamericana*, edição: C. René Padilla, 13-35. San Jose: Editorial Caribe, 1984, p. 30.

<sup>4</sup> ESCOBAR, Samuel. Heredero de la reforma radical. In: *Hacia una teología evangélica latinoamericana*, edição: C. René Padilla, 51-71. San Jose: Editorial Caribe, 1984, p. 54.

<sup>5</sup> ESCOBAR, 1984, p. 61.

<sup>6</sup> NÚÑEZ C., Emilio A. Testigo de un nuevo amanecer. In: *Hacia una teología evangélica latinoamericana*, edição: C. René Padilla, 101-111. San Jose: Editorial Caribe, 1984, p. 109-110.

equilíbrio da presença do Reino de Deus, o equilíbrio cristológico das Escrituras, a eclesiologia, a missão total da igreja. Em síntese buscou um equilíbrio bíblico que mantivesse “sobre todo sistema de pensamento humano, a autoridade suprema das Escrituras.”

Em geral esse foi o espírito assim como a experiência pessoal de diversos dos fundadores da FTL e do movimento da missão integral. No entanto, sabe-se também que, além de tomarem a Escritura como fundamento da discussão teológica, os precursores do movimento tinham uma intensa sensibilidade de dar respostas às questões sociais e econômicas latino americanas. Por isso, essa fundamentação bíblica exigia uma hermenêutica contextual.

A autoridade da Bíblia foi justamente o tema do primeiro encontro da FTL em Cochabamba, em 1970. Desse encontro se produziu o volume **El debate contemporâneo sobre la Biblia** contendo as principais palestras.<sup>7</sup> A FTL-Brasil também dedicou o número 3 do seu Boletim Teológico à busca de uma hermenêutica contextual e adota o referencial do círculo hermenêutico por meio do qual se prossegue por uma nova vivência histórica (realidade) → suspeita ideológica → conscientização ideológica (releitura) → práxis social → nova vivência teológica (hermenêutica) → suspeita exegetica → conscientização teológica (releitura) → práxis teológica → nova vivência histórica → e sucessivamente. Como bem observa Stam, esse círculo não tem início e fim. Pode iniciar em qualquer ponto e prosseguir em torno da reflexão sobre a realidade, releitura e práxis.<sup>8</sup>

Nessa perspectiva, tanto a leitura da Bíblia quanto a da realidade não perde seu foco e referencial históricos, e busca aproximar os dois horizontes históricos por meio da práxis teológica e social. É justamente a partir de verdades, conceitos e valores bíblicos que se confronta a realidade humana. Essa, por sua vez, requer que se atualize, contextualize e aproxime os ensinamentos bíblicos para o ouvinte/leitor contemporâneo.

Se isso retrata um movimento recente na leitura da Bíblia e que para alguns soa um tanto heterodoxo, é possível observar que é uma forma antiga de leitura das Escrituras Sagradas. Naturalmente, que o círculo hermenêutico está acompanhado de toda uma discussão filosófica moderna, porém, ao voltarmos às páginas da Bíblia, particularmente aos profetas, vemos que os profetas foram essencialmente pregadores que confrontavam seus ouvintes com os padrões e prescrições da aliança. À medida que o faziam, eles atualizavam os ensinamentos da aliança à sua realidade e buscavam trazer o povo de volta à submissão aos termos da aliança. Os termos da aliança eram a perspectiva pela qual o profeta enxergava a realidade, e a realidade o fazia voltar à aliança de Deus e trazê-la para o seu contexto. Oscar Cullmann sugere justamente isso quando diz,

A tarefa do pregador e do exegeta consiste em interpretar o passado e o futuro da história salvífica em relação com seu atual desenvolvimento em nosso tempo presente [...] Os profetas e apóstolos sempre reinterpretem o “kerygma” da história salvífica, que lhes havia sido transmitido, à luz dos novos acontecimentos atuais.” (grifo do autor).<sup>9</sup>

Para usar termos contemporâneos, percebe-se assim que os profetas e apóstolos foram pregadores contextuais não só porque se comunicavam em linguagem e modo compreensível

<sup>7</sup> GUTIÉRREZ-CORTÉS, Rolando. Teólogo pastor y pastor teólogo. In: **Hacia una teología evangélica latinoamericana**, edição: C. René Padilla, 73-87. San Jose: Editorial Caribe, 1984.

<sup>8</sup> STAM, Juan. A Bíblia, o leitor e seu contexto histórico: pautas para uma hermenêutica evangélica contextual. **Boletim Teológico**, maio-agosto de 1984: 92-136, p. 112.

<sup>9</sup> CULLMANN, apud STAM, 1984, p. 92.

ao seu povo, mas porque pregavam a partir da tradição profética ou apostólica normativa e as interpretavam a partir dos acontecimentos de sua época.

No caso particular de Habacuque, como Schökel sugere, nessa época o profeta não se limitava “a ouvir a palavra de Deus e transmiti-la”, mas ele falava com Deus, questionava, meditava e esperava em Deus. Essa postura abre caminho para “interpretar o curso da história e os problemas que ela suscita”.<sup>10</sup>

Diante disso, o objetivo desse artigo é ler o pequeno profeta de Habacuque como guia ou exemplo de interpretação da história. O objetivo não é aplicar propriamente a hermenêutica contextual à leitura de Habacuque. Mas é observar como o profeta é em essência um hermeneuta contextual. Pode-se verificar que o profeta em grande parte exerce um papel muito semelhante e pode servir de inspiração e referência para uma prática de interpretação da história e da realidade contextual.

De outro modo, podemos dizer como Juan Stam que o exegeta é como uma “**ponte hermenêutica** entre a Palavra que Deus falou ontem e o atual sentido profético da mensagem inspirada”.<sup>11</sup> Por isso ele tem a tarefa de uma “dupla contextualização”. De um lado, ele precisa entender o contexto histórico do escrito bíblico e, de outro, o contexto atual.

## 1. ESTILO E MENSAGEM DE HABACUQUE

O livro do profeta Habacuque começa com a expressão hebraica *massa* (מִשְׁפָּט). O termo hebraico pode ser traduzido por ‘sentença’, ‘oráculo’, ‘mensagem’. A palavra tem o sentido de peso, carga. É um termo frequentemente usado na profecia para designar o anúncio de uma advertência, acusação ou juízo (2Rs 9.25). Em Isaías está especialmente associada aos anúncios contra as nações estrangeiras (Babilônia, Is 13.1; 21.1; Filístia, 14.28-29; Moabe, 15.1; Damasco, 17.1; Egito, 19.1; Duná, 21.11; Arábia 21.13; Tiro, 23.1), mas também contra Jerusalém (Is 22.1; Ez 12.10) e Israel (Zc 12.1; Ml 1.1).

A construção da frase é peculiar de Habacuque. Aqui o substantivo é precedido do artigo definido e seguido pela conjunção *’asher* (אֲשֶׁר). Nas demais passagens, מִשְׁפָּט está no construto e é seguido dos destinatários ‘sentença [a respeito] de Babilônia’, ou há uma preposição ‘sentença contra’ (Is 30.6) ou o construto seguido de ‘palavra do Senhor’ (Zc 9.1; 12.1) ou ainda com o pronome demonstrativo ‘esta sentença’ (Is 14.28; Ez 12.10).

Nessa passagem também há a ausência do destinatário da sentença. Por esse versículo não há como saber se a sentença é contra os caldeus ou contra Judá. Isso se demonstrará no decorrer da mensagem de Habacuque.

Mas se essa expressão inicial aponta não só para o conteúdo como também para o gênero de um anúncio profético de juízo, o versículo seguinte introduz a expressão *’ad ’anah* (עַד-אַנָּה), ‘até quando?’ típica do gênero de salmos de lamento ou súplica. E como se percebe os v. 2-3 são propriamente uma oração em que o profeta se queixa da violência e iniquidade que ele vê. O restante do capítulo I entrelaça a oração do profeta com a resposta de Deus.

No capítulo 2, o profeta se propõe a aguardar para ver o que Deus lhe responderá. Deus responde em ordena o profeta a registra a ‘visão’ (v. 2, 3). Essa visão se estende até o v. 5. Em

<sup>10</sup> SCHÖKEL, L. Alonso; SICRE DIAZ, J. L. Profetas II: Ezequiel, Profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 1123, 1127.

<sup>11</sup> STAM, 1984, p. 93.

seguida (v. 6-20), o capítulo contém uma sucessão de ‘ais’ ou condenações em forma de ai. Por fim o capítulo três introduz a ‘oração’ de Habacuque na forma de ‘canto’, e termina o livro dedicando essa oração ao mestre de canto para ser tocado com instrumentos. Nesses breves capítulos encontra-se lamento, queixa, visão, oração e canto. Tudo isso sob o título de ‘sentença pesada’ da parte do Senhor.

Esse estilo é bem peculiar de Habacuque. Grande parte da literatura profética é formada por anúncios ou oráculos do profeta aos seus destinatários. Alguns contêm elementos narrativos. Jonas, por exemplo, intercala narrativa com oração e resposta de Deus. Outros ainda contêm uma sucessão de visões (Zc). Ainda que livros proféticos combinem diversos gêneros chama a atenção em um livro pequeno como Habacuque a riqueza da diversidade dos gêneros. Talvez esteja justamente na riqueza de seu estilo a força dramática de sua mensagem.

Quanto à sua mensagem, pode parecer de início que Habacuque trata da injustiça social, ou da justiça de Deus contra toda forma de impiedade. Achtemeier, porém, defende que Habacuque é um livro sobre os propósitos de Deus para com a humanidade, um livro sobre a providência divina.<sup>12</sup>

O leitor contemporâneo provavelmente se lembra de Habacuque para falar de fé e confiança em Deus. Habacuque 2.4 (“o justo viverá pela fé”) é citado três vezes no Novo Testamento (Rm 1.17; Gl 3.11; Hb 10.38), por isso, está fortemente associado às discussões sobre fé e perseverança no NT.

Asurmendi também entende que a fé é um elemento central em Habacuque,

O interesse do texto de Habacuc não reside, em primeiro lugar, no conteúdo da mensagem [...] O interesse principal está menos na teologia do que na atitude de fé que os profetas adotaram diante dos problemas de seu tempo. É ela, mas do que as respostas concretas que eles deram, que serve de referência criadora aos crentes que o seguem.<sup>13</sup>

Mas o que nos chama a atenção em Habacuque é a maneira como essa afirmação de fé ou fidelidade se desenvolve a partir “dos problemas de seu tempo”, em outras palavras, a partir da sua sensibilidade para com os desafios de seu tempo. A fé, portanto, não pode ser vista nem como algo estático, uma crença, nem como negação da realidade. Em Habacuque essa fé é resposta a, pelo menos, duas realidades: sua observação dos acontecimentos de seus dias, portanto, a realidade vivencial; e a resposta ou revelação de Deus por meio do anúncio profético. A fé é uma intersecção entre a palavra profética e a realidade.

Embora isso não seja uma peculiaridade de Habacuque, pois em certo sentido os demais profetas exercem esse mesmo ministério, em Habacuque isso está explícito na forma literária e no desenvolvimento conceitual da profecia. Por isso que Habacuque pode servir de exemplo de uma interpretação contextual.

Assim como o ciclo hermenêutico tem em seu percurso uma percepção da realidade histórica, uma suspeita ideológica, a releitura, a práxis social e sucessivamente, a visão de Habacuque também percorre um movimento que pode ser descrito analogamente como *perturbação* (1.2-4), *revolta* ou *contenda com Deus* (1.12-17), *escuta* (2.1), *aceitação* (2.2-5), *anúncio* (2.6-20). A oração do cap. 3 parece percorrer o mesmo caminho: *perturbação* (3.2-15), *contenda* (3.16a), *aceitação* (3.16b-18), *confiança/anúncio* (3.19). Nesse percurso fica evidente a sensibilidade do

<sup>12</sup> ACHTEMEIER, E. *Nahum - Malachi*. Atlanta: John Knox Press, 1986, p. 31.

<sup>13</sup> ASURMENDI, J.; et al. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 178.

profeta à realidade, sua fala com Deus como busca para interpretar essa realidade a partir da fé no Deus presente, sua reflexão a partir da revelação da resposta de Deus e nova interpretação para a realidade. Como sugerimos, o anúncio profético de Habacuque é resultado desse processo de percepção da realidade e compreensão da realidade história a partir da fé e do diálogo com Deus. Guardada as devidas proporções, percebe-se aqui uma aproximação ao que é designado de hermenêutica contextual. Diante disso, prossigo para a análise de Habacuque 1-2, primeiramente identificando as formas ou tipos literários, depois fazer breve descrição de cada unidade em termo sua forma e conteúdo e, por fim, sugerir a relação dessas unidades com esse percurso que vai desde o lamento e perturbação com a realidade até aceitação e anúncio.

## 2. ANÁLISE DO TEXTO

Os primeiros dois capítulos de Habacuque podem ser subdivididos em unidades menores correspondentes ao seu gênero. Esses capítulos consistem basicamente de dois lamentos de Habacuque seguidos de duas respostas de Deus. A parte do v. 1 que é o título do livro, eles são divididos em:

1. Lamento – 1.2-4
2. Resposta do Senhor – 1.5-11
3. Lamento – 1.12-17
4. Resposta do Senhor – 2.1-20

A segunda resposta do Senhor no capítulo 2 é introduzida também pelo v. 1 que é narrativo e pode ser entendido como a preparação para a escuta da resposta. Em seguida vem a resposta do Senhor propriamente que é composta da instrução sobre a visão, (2.2-3), a acusação propriamente (2.4-5) e a sentença formada por diversos ‘ais’ (2.6-20).<sup>14</sup> Dessa maneira, ela é subdividida assim:

1. Preparação para a escuta – 2.1
2. Instrução – 2.2-3
3. Acusação – 2.4-5
4. Sentença – 2.6-20

A análise que se segue apresenta uma breve descrição da forma e conteúdo da unidade e um comentário sobre o significado do texto, particularmente, no que se refere ao percurso de argumentação do profeta. Não é propósito do artigo oferecer uma tradução e análise gramatical das unidades literárias discutidas. A argumentação está fundamentada nas expressões do texto original hebraico e quando necessário serão mostradas as evidências. As divisões em orações gramaticais se baseiam na segmentação de Talstra.<sup>15</sup>

### 2.1 Primeiro lamento (1.2-4)

Esses versículos estão claramente na forma de um lamento. Encontramos aqui expressões típicas do lamento, como por exemplo ‘até quando’ (עַד-מַתַּי, Sl 13, 1,2; 62.3) e ‘por que’ (לְמַדָּה, Sl 42.9; 43.2; 88.14). Além disso, expressões como ‘ouvir’ (שָׁמַעַתְּ, Sl 22.24), ‘gritar por socorro’

<sup>14</sup> Veja detalhes sobre divisão em ARMERDING, Carl E. Habakkuk. In: *The Expositor's Bible Commentary: Daniel and the Minor Prophets*, org. por Frank E. GAEBELEIN, Vol. 7. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1986, p. 498.

<sup>15</sup> TALSTRA, Eep. *Bíblia Hebraica Stuttgartsia*: WIVU Constituency Trees. Logos Research Systems, 2005.

(שָׁוּעַ, Sl 18.6, 41; 22.24) encontram-se também em salmos de lamento. A linguagem de gritar, clamar, ser ou não ouvido/respondido e ser ou não acudido é típica das orações de lamento.

Mas ao contrário de muitas orações de lamento individual em que o objeto do clamor é a perseguição de um adversário, o sofrimento pessoal ou uma enfermidade, aqui o profeta se perturba com o que observa e o que está diante de seus olhos: violência, destruição, contendas, disputas, injustiça e frouxidão da lei. Ao que parece o profeta, pessoalmente, não era vítima da violência e injustiça, mas se perturba com a situação geral do ambiente social e religioso de seu povo.

Há um par de palavras no v. 3 que, por se repetirem adiante, nos v. 5 e 13 (e uma delas no 2.1), sugere um jogo de palavras e uma demarcação das unidades (oração e resposta) e de um tema prevalecte neste primeiro capítulo. Elas são também pertinentes à compreensão da visão do profeta. A raiz das palavras é ‘ver’ (רָאָה) e ‘mostrar’ (נָטַט).<sup>16</sup> Nestes versículos, Habacuque se incomoda de ter de ver e observar ou ser apontado para a violência e injustiça. Sua perturbação é que Deus o faz ver toda a violência e injustiça. Esse mesmo par de palavras encontra-se também nas Lamentações de Jeremias (Lm 1.11; 2.20) e retrata bem a percepção do profeta da realidade.<sup>17</sup>

Mais tarde, o profeta se coloca em sua torre de vigia para ‘ver’ o que o Senhor dirá (2.1, רָאָה). Ali contém propriamente a ‘visão’ (2.2, רָאוּן) do Senhor ao profeta. Mas a primeira visão do profeta é a realidade do seu povo, a corrupção e a injustiça.

O texto apresentou Habacuque como ‘profeta’, uma designação não muito típica para a introdução de um livro profético. Apenas Ageu e Zacarias são assim denominados na introdução do livro (Ag 1.1; Zc 1.1). De todo modo, supõe-se que esse primeiro olhar do profeta para a realidade parte naturalmente de sua experiência prévia ou de sua vocação e chamado profético. Não temos muito conhecimento sobre a vida de Habacuque além daquilo que está no livro, por isso não se sabe a respeito de seu chamado, a não ser que consideremos esse capítulo como uma forma de chamado profético. Contudo, supõe-se que por trás de seu olhar há um senso de justiça e retidão. Isso pode ser o resultado de sua vocação ou de seu conhecimento da Torá e da tradição profética, mormente de Jeremias.

Seja como for, vemos aqui o profeta atento para os acontecimentos e incomodado com aquela situação. Ele se perturba com a realidade e eleva seu clamor ao Senhor. Podemos descrever isso como uma primeira sensibilidade com a realidade presente e um despertar para a ação ou proclamação. A linguagem não é meramente poética. Por trás dessa sensibilidade há realidades específicas. Estudiosos divergem se a violência e a oposição do perverso contra o justo refere-se a conflitos dentro da comunidade de Judá ou se já se trata da ameaça babilônica e opressão de uma nação estrangeira contra Judá.<sup>18</sup> Uma vez que na resposta do Senhor a Babilônia será o instrumento do castigo, entende-se que o profeta faz alusão a conflitos internos

<sup>16</sup> Veja outros exemplos de par de palavras nesses versículos em ARMERDING, 1986, p. 499-500.

<sup>17</sup> “Todo o seu povo anda gemendo e à procura de pão; deram eles as suas coisas mais estimadas a troco de mantimento para restaurar as forças; vê, Senhor, e contempla, pois me tornei desprezível” (1.11, RA); “Vê, ó Senhor, e considera a quem fizeste assim! Hão de as mulheres comer o fruto de si mesmas, as crianças do seu carinho? Ou se matará no santuário do Senhor o sacerdote e o profeta?” (2.20, RA).

<sup>18</sup> Veja discussão em SMITH, Ralph L. *Micah–Malachi*. Vol. 32. Word Biblical Commentary. Dallas: Word, Incorporated, 1998, p. 99.

da comunidade de Judá. As injustiças e violência eram causadas por judaítas contra seu próprio povo.<sup>19</sup>

Até aqui podemos perceber um percurso de leitura do profeta que parte do padrão de justiça da lei ou da sua vocação para a observação da realidade. O momento histórico da nação e a realidade é percebida a partir de um referencial de justiça não detalhado no texto, mas pressuposto pela referência à lei e à justiça.

## 2.2 Resposta do Senhor (1.5-11)

A resposta do Senhor começa repetindo justamente aquele mesmo par de palavras usado no v. 3, ‘ver’ (ראה) e ‘mostrar’ (נבט). O Senhor convida Habacuque a ver e observar além da dimensão local para o cenário internacional envolvendo o fortalecimento da Babilônia e a ameaça que representava para Judá. A repetição desses termos, além de produzir um efeito de resposta direta à pergunta de Habacuque ‘Por que me fazes ver [...] olhar a maldade?’ aponta também para a ênfase deste capítulo e da profecia de Habacuque sobre a visão e percepção da realidade histórica. É como que se a percepção e perturbação inicial do profeta não fossem suficientes. A partir do seu lamento dirigido a Deus, Habacuque ouve da parte de Deus que é preciso compreender de forma mais abrangente os acontecimentos.

Mas a resposta de Deus é ainda mais perturbadora ao profeta. Deus anuncia que está levantando uma nação cruel, terrível e temível que invade nações e destrói reinos. Essa nação é violenta (חמס v. 9, cf. v. 2) e tem sua própria justiça (משפט, v. 7, cf. v. 4). A descrição da Babilônia nos v. 7-11 é como que uma exaltação ao poder e a impiedade dessa nação. Apenas na segunda parte do v. 11 há um juízo contra a nação – um povo carregado de culpa e que tem o poder como seu próprio deus.

Habacuque é levado a olhar para a violência e injustiça de seu povo na perspectiva do que Deus está realizando no cenário internacional. Se no seu lamento percebemos o profeta perturbado com a realidade a partir daquilo que ele entende por justiça e lei, na resposta de Deus ele é confrontado por outra realidade histórica da qual não estava atento e também, como ficará claro no seu próximo lamento, e por uma nova compreensão do próprio Deus e sua justiça. A resposta de Deus, portanto, se aproxima daquilo que na hermenêutica contextual é designado ‘nova vivência teológica’, isto é, “uma nova maneira de experimentar a realidade teológica, que nos leva a suspeita exegética, isto é, a suspeita de que a interpretação bíblica não leva em conta dados importantes”.<sup>20</sup> A partir dessa resposta, Habacuque obtém nova percepção sobre Deus, justiça, lei e violência.

## 2.3 Segundo lamento (1.12-17)

Esse segundo lamento é bem mais extenso do que o primeiro e vem como reação ao que Deus respondeu ao profeta. Até o v. 14, o foco está em Deus e nos seus atos. A queixa do profeta beira uma acusação contra Deus. De um lado, reconhece que Deus é eterno, santo, rocha e puro (v. 12-13) e por isso o profeta acusa em forma de perguntas como Deus pode ficar em silêncio, como pode colocar essa nação para julgar Judá, e acusa Deus de tornar os homens como peixes e animais (v. 14).

<sup>19</sup> ASURMENDI, 1992, p. 173.

<sup>20</sup> STAM, 1984, p. III.

A partir do v. 15 o foco está no inimigo e no seu modo de dominação. A grande pergunta do profeta sobre o inimigo é até onde ele agirá livremente destruindo as nações (v. 17). De um lado um Deus santo, de outro, um inimigo impiedoso e devastador. O conflito teológico é de como Deus tolera essa violência.

O mesmo par de palavras, usado anteriormente no v. 3 e 5 (נבט e ראה), volta aqui (v.13). Geralmente, a tradução do v. 13 denota que Deus é tão puro que é incapaz de ver a maldade e opressão. Nesses termos, soa como acusação de que a pureza e santidade de Deus o impedem de enxergar a maldade da Babilônia, uma nação perversa que oprime os que são mais justos do que ela (v. 13). É como que se o profeta estivesse dizendo que Deus é muito inocente, que sua santidade e pureza lhe cegam os olhos. A NVI, porém, traduz as duas primeiras sentenças de forma mais afirmativa denotando que Deus não suporta o mal e não tolera a maldade.<sup>21</sup> Uma vez que Deus não suporta a maldade como então ele tolera os perversos? Nesse sentido, a primeira parte não soa como acusação, mas como um reconhecimento de que Deus realmente não tolera o mal, e justamente por causa disso o profeta não entende por que Deus tolera os perversos e se cala diante dos ímpios.

O verbo ‘mostrar/contemplar’ (נבט) ocorre duas vezes no v. 13. A primeira ocorrência é geralmente traduzida por ‘não podes contemplar a opressão’ (RA. Hebr. וְהִבִּיט אֶל-עֲמַל לֹא תִבְקֵל). A segunda está na oração seguinte e é frequentemente traduzida por ‘toleras ...’ (Hebr. לְמָה תִּבְיֵט). Embora ambas as formas estejam no hifil, elas são traduzidas em sentidos distintos por algumas versões.<sup>22</sup> Outras traduzem ambas por ‘tolerar’.<sup>23</sup> O léxico BDB aponta que נבט com ‘Senhor’ como sujeito e seguido da preposição אֶל tem o sentido de ‘tolerar’, ‘suportar’ (וְהִבִּיט אֶל-עֲמַל) e da mesma forma o verbo seguido do acusativo (objeto direto) como na oração seguinte (לְמָה תִּבְיֵט בְּוִגְלֵיִם).<sup>24</sup> O sentido da indagação do profeta é justamente o fato de que parece haver uma inconsistência no fato de que Deus não tolera o mal, por outro lado, parece tolerar o perverso e ficar calado diante do que o ímpio está fazendo.

De todo modo, a repetição do par de palavras tem um efeito de sentido no texto que denota o percurso do profeta que está perturbado pelo que é levado a ver e observar (1.3), é chamado por Deus para ampliar sua visão e ver e observar o que está acontecendo no cenário internacional (1.5), mas que não compreende por que o próprio Deus não vê, não enxerga e tolera o perverso. É como que se o profeta agora despertasse Deus para ver.

A angústia do profeta nesse lamento é entender como Deus que é puro e santo pode aceitar e tolerar uma nação tão impiedosa e cruel a devastar seu próprio povo Judá. Essa contenda e de certo modo revolta do profeta o impele a buscar a entender não só a realidade de sua nação e o papel da Babilônia no novo cenário geopolítico internacional como também compreender algo aparentemente novo a respeito de Deus e seu caráter e ação. Isso sugere uma nova conscientização teológica, um novo modo de interpretar a fonte da fé.<sup>25</sup>

<sup>21</sup> “Teus olhos são tão puros que não suportam ver o mal; não podes tolerar a maldade” (Hc 1.13ab, NVI).

<sup>22</sup> “e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente” (Hc 1.13bc, RA).

<sup>23</sup> “Não podes tolerar a maldade. Então, por que toleras os perversos?” (Hc 1.13bc, NVI).

<sup>24</sup> BROWN, Francis; DRIVER, Samuel R.; BRIGGS, Charles A. *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1977, p. 613.

<sup>25</sup> STAM, 1984, p. III.

## 2.4 Resposta do Senhor (2.1-20)

### 2.4.1 Preparação para escuta (2.1)

O capítulo 2 começa com um versículo de transição em forma de narrativa em que o profeta se dispõe a colocar-se em seu posto de vigia para ‘ver’ (ראה) o que o Senhor lhe dirá e que resposta terá para a sua ‘reclamação’.

Diante de seu segundo lamento, o profeta se coloca numa posição de escuta. Aqui os verbos ‘colocar-se no posto’ (עמד), ‘tomar posição’ (יצב), ‘vigiar’ (צפה) e ‘ver’ denotam a disposição de escuta e de atenção para ouvir o que o Senhor dirá e a resposta de sua reclamação.

No capítulo 1 a ‘visão’ do profeta se desenvolve a partir da percepção da realidade e de seu diálogo em forma de oração com o Senhor. Neste capítulo 2, o profeta aguarda uma resposta da parte de Deus nos moldes de outros profetas que receberam visões ou palavras da parte do Senhor.

Ainda que se tenha aqui uma transição na forma de comunicação entre o capítulo 1 e capítulo 2, na perspectiva da experiência do profeta e do desenvolvimento literário de sua obra, essa escuta representa, de um lado, a atitude do profeta de, em reação à sua perplexidade e nova compreensão que teve das respostas do Senhor, posicionar-se como ouvinte para uma nova revelação e instrução do Senhor. Por outro lado, representa da parte do Senhor o anúncio de forma mais direcionada do seu propósito em relação ao perverso e ímpio.

Se no capítulo 1 o profeta olha para a sua realidade e se perturba com a maldade, aqui o profeta se coloca como sentinela para ‘ver’ algo ainda não manifesto. É uma nova postura e modo de ver. Agora o objeto de sua visão não é mais a realidade histórica, mas aquilo que o Senhor responderá. Esse é elemento significativo no percurso do profeta e no percurso da interpretação. Como profeta inserido em um momento histórico sua visão tem claramente duas fontes. Uma é sua observação da realidade e acontecimentos históricos e a outra é a revelação profética que se manifesta pela palavra ou resposta de Deus.

Na perspectiva da leitura da Bíblia na atualidade, por um lado, todo leitor lê a partir de uma realidade. Esteja ele consciente ou não, sua leitura e interpretação estão condicionadas à sua experiência e sua sensibilidade à realidade. Por outro lado, não será apenas nossa sensibilidade histórica, cultural e social que deve dominar a leitura. Do contrário, a leitura bíblica se resumiria numa análise histórica, cultural e social dispensando-se assim a aproximação teológica. A leitura contextual da Bíblia deve despertar o leitor a uma nova escuta do texto e da sua mensagem teológica, uma escuta que muitas vezes se dá a partir de um colocar-se de sentinela, e que possa abrir novos horizontes de compreensão e de fala para a sociedade contemporânea.

### 2.4.2 Instrução (2.2-3)

O v. 2 introduz a fala do Senhor – ‘O Senhor me respondeu e disse:’ (וַיַּעֲנֵנִי יְהוָה וַיֹּאמֶר). Assemelha-se à fórmula de anúncio profético, ‘Assim diz o Senhor’ (כֹּה אָמַר יְהוָה). Entretanto, aqui o anúncio da visão é descrito como resposta à reclamação ou queixa do profeta. Isso sugere justamente que a visão profética é uma nova linguagem e percepção em relação às indagações e percepções do primeiro capítulo. Esses versículos contêm breve instrução sobre o que o profeta devia fazer com a visão. Ele devia escrevê-la e aguardar o seu cumprimento.

Se no capítulo 1 a ‘leitura’ era do mundo exterior para a reflexão e indagação, ou suspeita, e da resposta do Senhor para o profeta, aqui se introduz mais claramente a comunicação do

Senhor ao profeta e do profeta à comunidade. Isso retrata a forma clássica de anúncio profético. Deus fala ao profeta para que esse anuncie aos seus contemporâneos a mensagem do Senhor.

Há um nítido elemento temporal e escatológico sobre esse anúncio. A visão se cumprirá no ‘tempo determinado’ (v. 3). Isso se contrasta com o anúncio no 1.5 do que Deus estava para realizar ‘nos vossos dias’. A visão anuncia a condenação do arrogante, porém não é imediata, ainda há de se cumprir.

### 2.4.3 Acusação (2.4-5)

Estes versículos contêm propriamente o conteúdo da visão. Ela pode ser separada em duas partes. Primeiro a acusação (v. 4-5) em que o Senhor denuncia o soberbo e enganoso. Entende-se por isso a nação estrangeira que junta para si as nações (v. 5). A outra parte contém a sentença em forma de ais (v. 6-20). Por outro lado, há uma exortação de que o justo viverá por sua fidelidade (v.4).

Nesses versículos há um contraste entre dois homens ou modos de vida. O soberbo: sua alma não é reta, não permanece, assim como o vinho enganoso, sua boca é gananciosa como o sepulcro, não se farta como a morte, ajunta para si as nações. Por outro lado, o justo: por sua fé/fidelidade, viverá.

No 1.4, o profeta se queixa com Deus porque a lei se enfraquece, a justiça não se manifesta e o perverso (עֲשֵׂר) cerca o justo (צַדִּיק). No segundo lamento, o profeta se queixa por que Deus se cala quando o perverso (עֲשֵׂר) devora o que é mais justo (צַדִּיק) do que ele (1.13). Agora o profeta designa esse perverso de modo mais específico como ‘soberbo’, aquele que está ‘inchado’ (עֲפֹל) e o contrasta com o justo (צַדִּיק). O contraste entre o justo e o perverso é típico de algumas profecias e principalmente da sabedoria. No entanto, eles representam grupos ou indivíduos diferentes de acordo com o contexto do profeta ou do sábio. Neste caso, percebe-se uma transição do referente do ímpio ou perverso. Na queixa inicial, o ‘perverso’ provavelmente é uma alusão a poderosos dentro da própria comunidade judaica que repreendiam o justo. Na segunda queixa, o profeta já se refere ao perverso como os babilônios que estão para devorar aqueles que são mais justos do que eles. Neste versículo (2.4), é mais provável que o referente também seja os babilônios, em contraste com o povo de Deus.

Se de um lado Habacuque é surpreendido pela primeira resposta de Deus de que um povo perverso está sendo chamado para repreender o povo de Deus, e isso provoca a segunda queixa do profeta, aqui a vinda do perverso ou arrogante é certa, porém, há uma mensagem de esperança em que o arrogante será abatido e o justo viverá por sua confiança e fidelidade.

O contraste inicial entre justo e perverso em termos de conflitos e desigualdades sociais, no capítulo 1, transpõe-se ao horizonte da relação entre as nações. É como se o profeta passa a considerar que pior do que o perverso da sociedade é o perverso e arrogante que vem para destruir Judá.

O profeta propaga essa acusação e sentença. Isso sugere o que no círculo hermenêutico é denominado de nova práxis teológica. Sua atuação profética é direcionada agora contra o soberbo estrangeiro que vem devorar o justo.

### 2.4.4 Sentença (2.6-20)

A sentença contra o soberbo é anunciada por meio de cinco ais. Os ais estão relacionados à dominação, opressão e idolatria. A repetição de termos e ideias como a violência contra a terra, as cidades e os moradores, a destruição ou despojo de nações e povos denotam o caráter de uma

sentença contra uma nação invasora. Em contraste com a violência contra a terra e a opressão (v. 8, 10, 17), há o anúncio de esperança de que a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor (v. 14). Além disso, o último aí contrasta os ídolos mudos (v. 18) com o Senhor que está o seu templo e toda terra deve se calar (v. 20).

A visão de Habacuque que iniciou com um lamento pela violência, injustiça e enfraquecimento da lei na sociedade se ampliou para a compreensão de que Deus executará seu juízo trazendo uma nação poderosa e arrogante contra Judá. Porém, essa mesma nação será objeto do juízo de Deus. O Deus que parecia ausente, cego e tolerante no capítulo 1 é aqui retratado como juiz e temível. Ele está no seu santo templo e toda a terra se calará. Seu conhecimento encherá toda a terra.

Esse anúncio abre novas possibilidades para a vivência histórica. Deus executará seu juízo, porém, preservará o seu povo. Essa mensagem leva o profeta a uma nova oração no capítulo 3. Nessa oração o profeta resume o percurso da mensagem dos dois primeiros capítulos. Ele passa da *perturbação* (3.2-15) pela *contenda* com Deus (3.16a), e *aceitação* na atitude de esperar em silêncio (3.16b-18) até a *confiança* da presença divina (3.19).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O breve livro do profeta Habacuque é mais parecido com um diário de oração do profeta do que uma coleção de anúncios ou sermões do profeta. Enquanto boa parte dos demais livros proféticos consiste de uma coletânea de anúncios do profeta, neste livro temos as orações do profeta e as respostas de Deus. Nesse entrelaçamento percebemos a luta do profeta com o que Deus está lhe mostrando até sua aceitação e confiança.

Mas, além desse aspecto pessoal, podemos também perceber na sucessão de orações e respostas um percurso que intercala a leitura da realidade com a revelação profética, de modo que, nesse processo a visão do profeta vai sendo ampliada.

O profeta parte naturalmente de seu conhecimento da Torá ou de seu chamado profético. Embora não esteja explícita no livro, sua primeira visão da violência e da injustiça tem como referência os termos da aliança. Essa sensibilidade é rapidamente abalada quando o Senhor o chama para ‘ver’ outros conflitos e realidades que estão para acontecer. Essa nova visão traz ainda mais perturbação ao profeta. O profeta, então, passa a uma nova escuta e adquire uma nova compreensão teológica e, conseqüentemente, parte para uma nova práxis teológica que muda de um mero observador, que na sua oração pessoal se queixa com Deus, para denunciar a violência e o perverso assim como trazer esperança ao justo.

O livro do profeta oferece um percurso de uma leitura contextual da Bíblia em que o leitor é levado a ver a realidade contemporânea de injustiça, violência e corrupção, e a partir dessa sensibilidade, retornar ao texto bíblico para a compreensão da mensagem bíblica para os dias de hoje. Em seguida, a partir dessa leitura, obter nova compreensão teológica da realidade e seguir para uma nova prática teológica e social.

Aquilo que designamos hermenêutica contextual, ainda que revestida de roupagem contemporânea, salvas as devidas proporções, era o que os profetas faziam. Habacuque, no seu estilo de registrar suas orações e percepções juntamente com as respostas do Senhor, deixa isso mais claro. Como Walter Brueggemann bem descreve,

É papel do ministério profético trazer de volta as exigências da tradição para um confronto real com a situação de adaptação. Por outras palavras, o profeta é chamado a ser o filho da tradição, aquele que assumiu seriamente sua própria linguagem e campo de percepção.<sup>26</sup>

Nesse processo de resgatar as exigências da aliança e confrontar com a situação contemporânea, o profeta também adquire uma nova compreensão teológica que lhe conduz a uma nova práxis teológica.

## REFERÊNCIAS

ACHTEMEIER, E. *Nahum - Malachi*. Atlanta: John Knox Press, 1986.

ARMERDING, Carl E. Habakkuk. In: *The Expositor's Bible Commentary: Daniel and the Minor Prophets*, org. por Frank E. Gaebelin, Vol. 7. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1986.

ASURMENDI, J.; et al. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

BRUEGGEMANN, W. *A imaginação profética*. São Paulo: Paulinas, 1983.

BROWN, Francis; DRIVER, Samuel R.; BRIGGS, Charles A. *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1977.

COSTAS, Orlando E. Teólogo en la encrucijada. In: *Hacia una teología evangelica latinoamericana*, edição: C. René Padilla, 13-35. San Jose: Editorial Caribe, 1984.

ESCOBAR, Samuel. Heredero de la reforma radical. In: *Hacia una teología evangélica latinoamericana*, edição: C. René Padilla, 51-71. San Jose: Editorial Caribe, 1984.

GUTIÉRREZ-CORTÉS, Rolando. Teólogo pastor y pastor teólogo. In: *Hacia una teología evangélica latinoamericana*, edição: C. René Padilla, 73-87. San Jose: Editorial Caribe, 1984.

NÚÑEZ C., Emilio A. Testigo de un nuevo amanecer. In: *Hacia una teología evangélica latinoamericana*, edição: C. René Padilla, 101-111. San Jose: Editorial Caribe, 1984.

SCHÖKEL, L. Alonso; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas II: Ezequiel, Profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SMITH, Ralph L. *Micah–Malachi*. Vol. 32. Word Biblical Commentary. Dallas: Word, Incorporated, 1998.

STAM, Juan. A Bíblia, o leitor e seu contexto histórico: pautas para um hermenêutica evangélica contextual. *Boletim Teológico*, maio-agosto de 1984: 92-136.

TALSTRA, Eep. *Biblia Hebraica Stuttgartensia : WIVU Constituency Trees*. Logos Research Systems, 2005.

---

<sup>26</sup> BRUEGGEMANN, W. *A imaginação profética*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 10.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional